Oriente Médio Presidente reafirma a sua opção por sanções e negociação na resolução de conflitos

Acordo com Irã dá a Obama seu maior sucesso no exterior

Sergio Lamucci
De Washington

O acordo provisório sobre o programa nuclear iraniano é o principal sucesso até agora da política externa do presidente Barack Obama e afirma a sua opção por um mix de sanções e negociação na resolução de conflitos.

Além de tirar dos holofotes a problemática reforma do sistema de saúde de Obama, o acerto fechado pelos Estados Unidos e outras cinco potências indica a possibilidade de sucesso de uma estratégia diferente da adotada pelo seu antecessor, George W. Bush, no cenário internacional.

Se o desfecho for mal sucedido, porém, pode se tornar mais uma mancha no conturbado segundo mandato do presidente, que, para avançar no acordo com os iranianos, comprou uma briga com Israel, seu principal aliado no Oriente Médio. Israel argumenta que os iranianos buscam apenas ganhar tempo e recursos para avançar com seu programa nuclear no sentido de produzir a bomba atômica.

Ainda que provisório e marcado por algumas incertezas, o acordo com o governo iraniano parece ter sido bem conduzido.

Para o pesquisador-sênior do programa de Política Externa do centro de estudos Brookings Institution, Robert Einhorn, o acerto inicial cria uma "fundação sólida" para as negociações muito difíceis que virão pela frente, deixando intactas as duras sanções necessárias para que o Irã aceite as exigências dos aliados dos EUA e do Oriente Médio.

Em artigo no site do Brookings, ele observou, contudo, que os críticos estão certos quando dizem que o entendimento não reduz a infraestrutura nuclear do Irã, nem tampouco estica de maneira significativa o cronograma do país para obter armas atômicas.

A vice-presidente de estudos de política externa e de defesa do American Enterprise Institute (AEI), Danielle Pletka, é uma das que veem com maus olhos o acordo. "Na realidade, o Irã não deu nada de significativo além de uma 'pausa' em seu programa", escreveu ela, em artigo. Para Danielle, nenhuma das concessões feitas pelo Irã detém o progresso do país em direção a perspectiva de obter armas nucleares.

Esse é o grande risco para Obama, destacado por Israel. Se o Irã quiser apenas ganhar tempo e não desistir de buscar a bomba atômica, a percepção será de que o presidente americano foi frouxo, fazendo um acordo em troca de muito pouco. O impacto das sanções econômicas, contudo, tem sido pesado, e a necessidade de aliviar o peso do embargo torna bastante arriscado um blefe por parte do governo iraniano (leia texto na página A13).

Se o script correr como o planejado, Obama terá feito um acordo histórico com um país inimigo sem envolver os Estados Unidos em mais uma guerra.

De Bush, o presidente herdou dois conflitos no Oriente Médio, no Iraque e no Afeganistão, dos quais decidiu se livrar. Obama quase interveio militarmente na Síria, mas optou por não atacar o país, resistindo a pressão de aliados regionais como Israel, Turquia e países do Golfo Pérsico. Decidiu primeiro consultar o Congresso, depois que o Parlamento do Reino Unido, um dos principais aliados americanos, negou o apoio a uma ação militar na Síria. Por fim, a disposição do ditador Bashar al-Assad de entregar as armas químicas, numa negociação intermediada pela Rússia, fez com que Obama abrisse mão de atacar o país.

A condução do processo foi atabalhoada, mas permitiu que Obama não envolvesse os EUA em um novo conflito na região. Se tudo correr bem no caso do acordo com o Irã, ele poderá apresentar as soluções diplomáticas no front externo como um trunfo do seu segundo mandato. Mas esse processo está só no começo.

Utilização deste conteúdo exclusivo para fins educacionais

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 26 nov. 2013, Primeiro Caderno, p. A11.